

BULLYING - MODELO INTERVENÇÃO

2010

Eliana Filipa Pereira Barbosa

Licenciada em Aconselhamento Psicossocial. Finalista de Psicologia no Instituto Superior de Maia (ISMAI), Portugal. Formadora certificada pelo IEFP

eliana_barbosa@msn.com

Filipa Andreia da Costa Pinto dos Santos

Licenciada em Aconselhamento Psicossocial. Mestranda em Consulta Psicológica, Aconselhamento e Psicoterapia (1º ano) no Instituto Superior da Maia (ISMAI), Portugal

filipina_19@hotmail.com

RESUMO

O Bullying é frequentemente usado para descrever uma forma de assédio interpretado por alguém que está, de alguma forma, em condições de exercer o seu poder sobre alguém ou sobre um grupo mais fraco.

O presente trabalho pretende dar a conhecer o que é o Bullying em contexto escolar, os seus intervenientes, os vários efeitos subjacentes e algumas medidas que a comunidade escolar e os professores podem adoptar para o combater.

Através deste trabalho apresentamos um possível modelo de intervenção, que pretende responder às possíveis necessidades encontradas mediante uma vasta pesquisa teórica.

Palavras-chave: Bullying, contexto escolar, crianças

INTRODUÇÃO

“As memórias do Bullying dos nossos tempos de escola dependem sempre de quem as recorda. Podemos lembrar-nos de bullying como algo que aconteceu a alguém, esquecendo que por vezes fomos nós os responsáveis por tal acto. Ou então podemos lembrar-nos de bullying como vítimas.”

O interesse no estudo do bullying tem aumentado relativamente nos últimos vinte anos. A sua pesquisa teve início na Suécia com Olweus (1978, cit in Zins, 2007,). Este iniciou uma serie de estudos longitudinais de rapazes entre os 12 e os 14 anos nas escolas suecas.

Esta pesquisa gerou interesse noutros países escandinavos, e quando surgiu uma serie de suicídios infantis ligados a experiências de bullying, na Noruega, na década de 80, o governo norueguês pediu a Olweus que conduzisse um estudo sobre bullying por todas as escolas do país (Olweus, 1991, cit in Zins, 2007).

Tanto estes primeiros estudos como a Conferência Europeia sobre Bullying na Noruega em 1987 (Smith & Brain, 2000, cit in Zins, 2007) estimularam uma maior discussão e pesquisas em outros países nos últimos anos.

Bullying

“Um aluno é vitima de bullying quando ele, ou ela, é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas por parte de um, ou mais, aluno (s)” (Olweus, 1986, 1991, cit in Olweus, 1993, p. 9).

Para este autor, a expressão “acção negativa”, é quando alguém, intencionalmente, provoca dor ou desconforto a outra pessoa – basicamente, o que está subentendido na definição de comportamento agressivo. Estas acções negativas podem ser de carácter verbal, físico ou psicológico (Olweus, 1973, cit in Olweus, 1993, p. 9).

O bullying pode ser praticado por um único individuo – agressor – ou por um grupo. Também o alvo pode ser um único indivíduo – a vítima - ou um grupo. No contexto escolar, o alvo do bullying é usualmente um único aluno. Dados de um estudo efectuado por Olweus em Bergen, indicam que, na maioria dos casos, a vitima é cercada por um grupo de dois ou mais alunos (Olweus, 1993, p. 9).

Olweus distingue bullying directo de bullying indirecto. Para ele o bullying directo é quando existe um ataque explícito contra a vítima, enquanto o bullying indirecto existe na forma de isolamento social e exclusão intencional de um grupo (Olweus, 1993, p. 10).

Exemplos de Bullying

- Ataques físicos repetidos contra uma pessoa, seja contra o corpo dela ou propriedade;
- Espalhar rumores negativos sobre a vítima;
- Insultar a vítima;
- Fazer com que a vítima faça o que ela não quer, ameaçando-a para seguir as ordens;
- Chantagem;
- Fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade.

Intervenientes

O agressor - é geralmente uma criança com problemas emocionais, é impulsivo e no contexto escolar é dominador, e não tolera a frustração. São jovens que não toleram regras de conduta, e que respondem com violência a qualquer chamada.

São crianças/ jovens com baixo rendimento escolar, são jovens supostamente seguros, que no contexto escolar são tidos como seguros de si, mas que na realidade, e na maioria das vezes sofrem de violência no seio parental e familiar. Têm geralmente a noção da agressão, e sabem que o estão a fazer para humilhar o outro e para se sentirem no “topo do mundo” (Ballone, 2005).

As vítimas - são na sua grande maioria crianças/jovens sensíveis, geralmente inteligentes e com boas relações parentais e familiares.

Não têm a noção do que devem fazer quando estão a ser humilhados pois não vivenciam este tipo de situações diariamente, tornando-se por isso “presas fáceis” para os agressores, pois os insultos que estes lhes direccionam são tidos como verdadeiros e irrefutáveis para as vítimas, visto que estas apresentam uma baixa auto-estima. (Ballone, 2005)

As testemunhas - Ficam chocados com a situação mas não conseguem agir, e por vezes sentem-se mesmo culpados por não terem feito nada. São geralmente colegas de escola ou de

turma que acabam por ficar elas próprias com medo de serem as “ próximas vítimas”. (Ballone, 2005)

Efeitos do Bullying nas Vítimas

Emoções Negativas	Respostas a curto prazo	Respostas a longo prazo
Medo; Raiva ou frustração; Humilhação; Rejeição; Isolamento; Ansiedade.	Falha nos trabalhos escolares; Baixa atenção nas aulas; Discussões ou lutas; Mudança de amigos; Perda frequente de dinheiro e material.	Depressão; Diminuição total do interesse na escola; Problemas disciplinares; Violência conta os outros; Fugas; Tentativas de suicídio.

(Quiroz, 2006)

O que a comunidade escolar pode fazer

- Desenvolver políticas de qualidade que definam bullying e respostas apropriadas ao problema;
- Estabelecer regras na escola e na sala de aula contra o bullying;
- Aplicar regras disciplinares, políticas e sanções escolares justas e consistentes;
- Educar professores e auxiliares e pais sobre bullying;
- Estabelecer sistemas eficazes de supervisão e estratégias para relatar o bullying;
- Parceria com forças da lei e agências de saúde mental para identificar e tratar casos sérios de bullying.

(Quiroz, 2006)

O que os professores podem fazer

- Modelar atitudes e comportamentos desejáveis;
- Estabelecer e comunicar regras e sanções relativas ao bullying;
- Identificar e intervir sobre atitudes e comportamentos indesejados que podem ser comportamentos que levem ao bullying e assédio;
- Conjuguar tempo e tarefa para que os estudantes continuem atentos e produtivos de forma a ser menos provável que se comportem mal;

- Responder a pedidos de ajuda;
- Promover desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais;
- Reconhecer a diversidade cultural como uma influência em relações, identidade e problemas sociais;

(Quiroz, 2006)

Estudos anteriormente realizados

Um dos primeiros programas a ser desenvolvido contra o bullying é da autoria de Olweus, e foi realizado na Noruega, na década de 80. Este programa foi baseado numa série de ideias principais centradas no desenvolvimento do meio escolar, caracterizado por adultos positivamente interessados, calorosos e envolventes, entre outros (Olweus, 1993, cit in Zins, 2007, p.15).

Os componentes fundamentais a nível escolar incluíam questionários, inquéritos, dias de conferência e melhor supervisão durante as aulas. Esse nível escolar envolvia regras contra o bullying, encontros de turmas, e os componentes fundamentais a nível individual compreendiam conversas serias com os praticantes de bullying e as vítimas, e com os pais destes mesmos estudantes (Olweus, 1993, p. 127, cit in Zins, 2007, p.15).

A efectividade desta intervenção foi documentada em várias obras de Olweus, que devido ao seu sucesso, foi requisitado por várias escolas, com o fim de implementar regras e medidas contra o bullying (Zins, 2007, p.16).

Com fundamento nesta intervenção, outros autores desenharam os seus modelos de intervenção, por exemplo, De Bourdeaudhuij & Van Oost (2000) desenharam um modelo de intervenção contra o bullying nas escolas holandesas, onde compararam os seus resultados com os de Olweus (Zins, 2007, p.17).

A Universidade de Sheffield com o apoio do Departamento de Educação, desenvolveu também um programa de intervenção contra o bullying, de nome Sheffield Anti-Bullying Project, promovia orientação para as escolas participantes poderem desenvolver uma estrutura política interna contra o bullying, em que as intervenções opcionais podiam ser implementadas.

Estas eram categorizadas em estratégias curriculares básicas, intervenções directas em situações de bullying e intervenções no recreio da escola (Whitney, Rivers, Smith & Sharp, 1994, cit in Zins, 2007, p. 18).

As estratégias básicas incluíam um filme sobre bullying para a turma discutir, técnicas de drama com a apoio de uma companhia de teatro , literatura específica sobre bullying para crianças.

A intervenção directa envolvia treino de assertividades para as vítimas, trabalho com os bullies.

A intervenção no recreio consistia em treinar os funcionários para reconhecer e lidar com o bullying (Smith, 1997, cit in Zins

REVISÃO TEÓRICA

1. Falta de informação

De acordo com o livro Preventing Bullying in Schools: A Guide for Teachers and Other Professionals (Lee, 2004), ficamos a saber que existe falta de informação de pais e professores sobre o bullying.

“Existe um vasto número de acontecimentos similares ao bullying, mas que não são bullying. Ao reflectir sobre os acontecimentos pais e professores revelam que necessitam de mais informação antes de atribuir o termo “bullying” a um acontecimento.” (Lee, 2004)

2. Maior supervisão por parte dos professores e funcionários

De acordo com o livro The ABC's of Bullying Prevention: A Comprehensive Schoolwide Approach (Shore, 2006), sabemos que para combater o bullying é necessário existir mais supervisão por parte dos funcionários escolares.

“A maioria dos casos de bullying acontecem em áreas com o mínimo de supervisão dos adultos como nos recreios da escola, salas de lazer, balneários, cafetaria e corredores. “ (Shore, 2006)

3. Denunciar

De acordo com os livros *Dealing with Bullying in Schools: A Training Manual for Teachers, Parents and Other Professionals* (O'Moore, 2004) e *Bullying: A Practical Guide to Coping for Schools* (Elliot, 2002) sabemos que é crucial que as vítimas falem para que seja imposto um castigo ao (s) agressor (es).

“A chave para um programa anti-bullying é encorajar as vítimas e as testemunhas de comportamentos de bullying a reportar os incidentes a que foram sujeitos ou que testemunharam. Contudo, há muitas vezes uma enorme pressão social e entre amigos contra “fazer queixa”” (O'Moore, 2004).

“Falar é crucial, não amanhã, não quando se chegar a casa, não um mes depois, mas agora! Claro, que contar tem sempre com uma percentagem de risco. Algumas vítimas acreditam depois de contar vão ser punidas.” (Elliot, 2002)

4. Segurança na escola

De acordo com o livro *The ABC's of Bullying Prevention: A Comprehensive Schoolwide Approach* (Shore, 2006), sabemos que os alunos precisam de se sentir seguros nas escolas.

“Os membros da comunidade escolar tem de deixar passar uma mensagem diferente, tem de ser vigilantes contra o bullying e responder serio e activamente quando este é detectado. Os alunos necessitam de ter regras definidas e ter a certeza que os adultos estão encarregues deles. Bullying e um problema que a escola tem de confrontar, não só para proteger as vítimas mas também para passar a mensagem que o bullying não pode ser tolerado, e fazer com que os alunos se sintam seguros.” (Shore, 2006)

Tabela das Necessidades

Teoria	Necessidade	Objectivo	Estratégia
“Ao reflectir sobre os acontecimentos pais e professores revelam que necessitam de mais informação antes de atribuir o termo “bullying” a um acontecimento. “	1. Falta de informação (alunos, pais e professores)	Elucidar a comunidade escolar sobre o que é o bullying	Visualização de PowerPoint Documentários sobre o tema Debates de esclarecimento
“A maioria dos casos de bullying acontecem em áreas com o mínimo de supervisão dos adultos como nos recreios da escola, salas de lazer, balneários, cafetaria e corredores.”	2. Mais supervisão por parte de professores e funcionários.	Fazer com que haja uma maior supervisão por parte dos professores e funcionários escolares dentro e fora das salas de aula	Abordagem ao tema. Definir regras de conduta
“Falar é crucial, não amanhã, não quando se chegar a casa, não um mes depois, mas agora”	3. Denunciar	Encorajar a (s) vítima (s) ou testemunha (s) a denunciar um acto de bullying	Debates sobre o tema Exemplo de casos verídicos Explicação dos riscos e consequências do bullying, contando com a presença de um psicólogo
“Os membros da comunidade escolar tem de deixar passar uma mensagem diferente, tem de ser vigilantes contra o bullying e responder serio e activamente quando este é detectado.”	4. Segurança na escola	Criar um ambiente em que os alunos se sintam seguros, sem terem medo dos outros.	-Acções que valorizem o ambiente escolar, de modo a torna-lo seguro

AVALIAÇÃO DAS NECESSIDADES

1) Falta de informação

As abordagens utilizadas seriam os questionários ou inquéritos, de modo a obter uma resposta precisa sobre se há ou não falta de informação, e abordagem nominal.

2) Mais supervisão por parte de professores e funcionários.

Nesta necessidade utilizaríamos a abordagem de grupo nominal para entender o tipo de supervisão existente na escola, e o que se pode melhorar.

3) Denunciar

Para esta necessidade utilizaríamos um informador-chave (pai, professor) e utilizaríamos também a abordagem de Delphi, contando com a presença de um psicólogo

4) Segurança na escola

Utilizaremos os fóruns comunitários, os inquéritos, a abordagem de grupo nominal.

Objectivos Gerais:

Sensibilizar os adolescentes sobre o bullying, abordando as diferentes formas, as consequências e como se poderá travar, de modo a torna-los mais responsáveis nas suas atitudes neste contexto.

Objectivos específicos:

- Desenvolver uma melhor comunicação entre pais, filhos e professores sobre tema;
- Abordar os diversos tipos e efeitos do bullying;
- Informar sobre as características dos diferentes intervenientes no bullying;
- Informar sobre o que a comunidade escolar pode fazer para combater o Bullying.

Público-alvo

Alunos da escola secundaria Clara de Resende e Fontes Pereira de Mello, ambas no Porto, que frequentem os 7º,8º,9º anos de escolaridade.

Setting

As palestras à comunidade escolar serão realizadas nos auditórios de cada escola e nas respectivas salas de aula.

A nível individual a intervenção será feita numa sala disponível para o efeito, com uma turma de cada vez, ou um grupo de alunos mais pequeno.

Efeitos a Produzir

- Elucidar os jovens a não usarem a violência;
- Tentar que eles percebam que a violência não resolve nada, apenas gera mais violência;
- Faze-los entender que a diferença existe, que está presente no mundo á nossa volta e que temos que a aceitar;
- Clarificar a ideia das várias formas de violência;
- Diminuir a agressão física psicologia e verbal.

Material Utilizado

- Apresentações em PowerPoint
- Folhetos alusivos ao tema
- Lápis e papel
- Vídeos sobre o tema

SESSÕES

Sessão com os pais e professores

- Explicar o que é o bullying;
- Perceber o que eles sabem e explicar o que não sabem;
- Explicar quais os riscos do bullying;
- Explicar quais os sinais do bullying;

1º Sessão (alunos)

- Falar com alunos nas respectivas salas;
- Explicar o que pretendemos com esta intervenção, criando uma relação empática e de escuta activa;
- Pedir aos alunos que pesquisem informação sobre o bullying.

2º Sessão

- Exploração das pesquisas realizadas pelos alunos;
- Pequeno debate sobre o que é o bullying;
- Construção de uma definição para bullying.

3º Sessão

- Visualização de um documentário sobre o tema;
- Debate em torno do mesmo documentário;
- Pedir aos alunos que “vigiem” os recreios, procurando algum tipo de bullying.

4º Sessão

- Levantamento da informação recolhida pelos alunos;
- Informação sobre as características dos intervenientes (agressor, vítima e testemunha) auxiliadas pelo material trazido pelos alunos na 2º sessão;
- Construção de um quadro geral com as características consideradas mais importantes pelos alunos para posterior afixação.

5º Sessão

- Feedback sobre todas as tarefas realizadas;
- Informação e debate sobre os efeitos de bullying nas vítimas;
- Apresentação de um documentário sobre estes mesmos efeitos.

Sessão com pais e professores

- Feedback dos resultados obtidos até ao momento;
- Discussão de ideias e expectativas futuras

6º Sessão

- Actividade lúdica com os alunos “o que farias se...”;
- Discussão sobre os diversos dilemas apresentados.

7º Sessão

- Distribuição de folhetos informativos sobre bullying;
- Apresentação das perspectivas e conhecimentos dos formadores.

8º Sessão

- Esclarecimento de dúvidas sobre o tema;
- Perguntar aos alunos o que eles acham que deviam fazer contra o bullying.

9º Sessão

- Entrega de questionários para os alunos responderem;
- Feedback sobre as respostas deles.

Sessão com pais e professores

- Feedback sobre os resultados obtidos;
- Esclarecimento de duvidas que ainda possam existir
- Avaliação da eficácia da intervenção.

10º Sessão

- Conclusão do plano de intervenção.

Tipo de Intervenção

Para a realização deste plano de intervenção seriam utilizadas os três tipos de intervenção, sendo eles: o treino de competências, a discussão de dilemas morais e a educação psicológica deliberada.

O treino de competências é importante para o desenvolvimento de aptidões, melhorando assim a forma de lidar com a vida, com a mudança e com o desenvolvimento pessoal e contextual. Permite perceber problemas, reconhecer sentimentos, criar soluções alternativas, antecipar consequências e usar pensamentos de meios para fins (Martins, 2008).

Este tipo de intervenção, no presente trabalho, insere-se na 1ª sessão, quando é solicitado aos alunos que façam uma pesquisa sobre o tema.

A *discussão de dilemas morais* utiliza-se geralmente para promover o desenvolvimento sectorial das estruturas cognitivas da acção humana. Tem como objectivo fomentar o raciocínio moral e interpessoal mostrando ao individuo outra maneira de agir ou de pensar numa determinada situação ou comportamento (Martins, 2008)

No presente trabalho encontra-se este tipo de intervenção na sessão 6, quando os alunos realizam a actividade “o que farias se...?”

A *educação psicológica deliberada* resume-se essencialmente ao princípio dos 3 Rs (reais condições, reflexão e responsabilidade). Promove o autoconhecimento, desenvolve a capacidade para reflexão crítica e cria maior complexidade, flexibilidade e integração dos processos psicológicos (Martins, 2008).

Neste trabalho encontra-se a educação psicológica deliberada na sessão 3, quando é pedido que os alunos “vigiem” o recreio. Também se encontra presente na sessão 1 e 6, visto este tipo de intervenção englobar as outras intervenções acima citadas.

CONCLUSÃO

É de salientar que cada sessão teve a duração de 90 minutos. Abordamos este tema porque na sociedade portuguesa cada vez mais se relatam casos de violência escolar, tanto por parte de professores como de alunos.

Sabemos que o bullying pode causar vários danos, tanto físicos como psicológicos.

Utilizamos os dois tipos estratégias, a estratégia informativo instrutiva (sessões 3, 5, 8, 9 e 10) e a estratégia de exploração reconstrutiva (sessões 2, 4, 6).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ballone, G. J. (2005). *Maldade da infância e adolescência: Bullying*. Disponível em www.psiqweb.med.br. Data de consulta: 25 de Outubro de 2008

Elliot, M. (2002). *Bullying: A Practical Guide to Coping for Schools*. Pearson Education. Disponível em Google Books

Lee, C. (2004). *Preventing Bullying in Schools: A Guide for Teachers and Other Professionals*. SAGE. Disponível em Google Books

Martins, E. (2008). *Apontamentos cedidos no âmbito da unidade curricular introdução à intervenção psicológica II leccionada no 1º ciclo de estudos em aconselhamento psicossocial do Ismai*.

Zins, J. E., Elias, M. J., Maher, C. A. (2007). *Bullying, Victimization, and Peer Harassment: A Handbook of Prevention and Intervention*. Haworth Press. Disponível em Google Books

Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and what We Can Do*. England: Blackwell Publishing. Disponível em Google Books

O'Moore, M. & Minton, S.J. (2004). *Dealing with Bullying in Schools: A Training Manual for Teachers, Parents and Other Professionals*. SAGE. Disponível em Google Books

Quiroz, H. C. et al. (2006). *Bullying in schools – fighting the bully battle*. Disponível em: www.schoolsafety.us. Data de consulta: 30 de Setembro de 2008

Shore, K. (2006). *The ABC's of Bullying Prevention: A Comprehensive Schoolwide Approach*. National Professional Resources. Disponível em Google Books